

O PROCESSO DE LEITURA DO GÊNERO CHARGE: IDENTIFICAÇÃO DE PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS E A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS

Marcos Antônio da Silva; Luiz Henrique Santos de Andrade; Anna Libia Araújo Chaves

Instituto Federal de Alagoas (marco_sil2@hotmail.com); Universidade Federal da Paraíba (luizao_andrade2008@hotmail.com); Instituto Federal da Paraíba (annalibia@hotmail.com)

RESUMO

Considerando a importância do ato de ler e a possibilidade que a leitura efetiva de um texto tem na construção da formação dos sujeitos, uma vez que tal atividade possibilita a ampliação das competências relacionadas aos conhecimentos linguísticos, textuais, de mundo e a interação com os fatos que existem na sociedade na qual os sujeitos estão envolvidos, este artigo tem por objetivo apresentar algumas reflexões sobre a atividade da produção de sentidos na leitura do gênero discursivo/textual charge. Para tanto, lançaremos mão de alguns postulados teóricos apresentados pela Teoria da Argumentação na Língua, especificamente na segunda etapa dessa teoria, com o Descritivismo Pressuposicional. Com o intuito de discutir a importância da identificação de elementos ativadores de pressupostos no gênero em questão, analisaremos as estruturas linguísticas e não-linguísticas de cinco textos (charges). O gênero charge será compreendido, aqui, como um texto que tem como objetivo maior o de apresentar, de forma humorística, uma espécie de crítica diante de um fato presente na sociedade. A coleta das charges aqui analisadas ocorreu durante o ano de 2016 e, a partir das análises, é possível dizer que a identificação de elementos ativadores de pressuposição possibilita a produção efetiva de sentidos para o texto que está sendo lido. Dito de outra forma, tal identificação permite ainda observar o posicionamento do produtor do texto diante do fato que está sendo veiculado. Assim sendo, entendemos que o trabalho com leitura e interpretação de um texto vai além da simples identificação de respostas diretas presentes na estrutura do texto, mas que é preciso que o leitor esteja atento para descortinar os sentidos escondidos nas entrelinhas dos textos, sentidos esses que podem ser percebidos, também, a partir da identificação dos pressupostos e dos subentendidos.

Palavras-chave: Leitura. Charge. Pressupostos.

INTRODUÇÃO

O ato de ler pode ser considerado como uma das práticas sociais mais importantes para a formação dos sujeitos, uma vez que pode lhes possibilitar a construção dos processos de compreensão acerca dos mais diversos universos, a ampliação das competências relacionadas aos conhecimentos linguísticos, textuais e de mundo, a capacidade de interação com acontecimentos distantes e a compreensão do signo linguístico enquanto um fenômeno de natureza social.

Dessa forma, considerando a complexidade existente no processo de leitura, tendo em vista os elementos/recursos que devem ser ativados pelos leitores no procedimento de construção de sentidos do texto que está lendo, objetivamos, com esse artigo, refletir acerca da pertinência do trabalho de identificação de informações explícitas e implícitas presentes no

texto, buscando possibilitar ao aluno-leitor mais recursos para a realização de uma leitura efetiva do texto à disposição. De forma mais explícita, objetivamos abordar a importância da identificação de elementos pressupostos e subentendidos no gênero discursivo “charge”, a partir da análise de cinco textos, com a intenção de mostrar como tal identificação possibilita a produção efetiva de sentidos para o texto que está sendo lido.

Como suporte teórico, baseamo-nos na Teoria da Pressuposição desenvolvida por Ducrot (1987), para quem o pressuposto é apresentado como pertencendo às pessoas envolvidas na comunicação, ou seja, ao “nós”, o que nos faz pensar, inicialmente, enquanto o ouvinte/leitor está envolvido na relação de compartilhamento das informações apresentadas tanto pelo texto, como pelo falante.

Quando percebemos a consideração que existe em dar importância ao “nós” da interação, ou seja, ao “eu” e ao “outro”, compreendemos, também, a importância do leitor/ouvinte identificar, nos textos, os pressupostos e os subentendidos, com a intenção, é claro, de construir sentidos.

Este trabalho será norteado ainda pelos estudos apresentados por Moura (2006), quando expõe uma série de elementos linguísticos tais, como: verbos factivos, sentenças clivadas, dentre outros, como responsáveis por ativação de pressupostos.

A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA E A PRAGMÁTICA

A Teoria da Pressuposição é apresentada por Anscombe e Ducrot (1994), no interior da Teoria da Argumentação na Língua, na segunda¹ etapa desta teoria, com o *Descritivismo Pressuposicional*, quando, para esses autores, os encadeamentos argumentativos estão fundamentados apenas nos fatos. Mas, conforme esses mesmos autores (1994), nem todos os fatos conseguem produzir tal encadeamento. Nesse caso, o valor semântico das frases estaria contido nas informações que essas comportariam, quer dizer, nas informações afirmadas ou postas.

Assim, através dos exemplos com *peu* (pouco) e *un peu* (um pouco), Anscombe e Ducrot (1994 p. 200) explicam o que ocorre quando utilizamos essas estruturas em frases com a seguinte estrutura:

Exemplo 01:

¹ A Teoria da Argumentação na Língua é constituída por várias etapas. Por motivo de espaço, e considerando nosso objetivo maior neste texto, tais fases não serão expostas ou discutidas.

(1) Pedro trabalhou *pouco*.

Posto: A quantidade de trabalho efetivada por Pedro é fraca.

Pressuposto: Pedro trabalhou.

(2) Pedro trabalhou *um pouco*.

Posto: Pedro efetivou uma certa quantidade de trabalho.

Pressuposto: Se houve trabalho realizado, sua quantidade foi fraca.

Conforme esses dois autores, o encadeamento argumentativo, nessa segunda etapa, afeta apenas o enunciado. Assim, como podemos observar em (1), o posto é que *A quantidade de trabalho efetivada por Pedro é fraca* e o pressuposto é que *Pedro trabalhou*. O enunciado (2) apresenta o posto *Pedro efetivou uma certa quantidade de trabalho* e o pressuposto é de que *Se houve trabalho realizado por Pedro, sua quantidade foi fraca*.

Assim, a noção de pressuposto é apresentada por Ducrot, (1987, p. 20), como “[...] o que apresento como pertencendo ao domínio comum das duas personagens do diálogo, como o objeto de uma cumplicidade fundamental que liga entre si os participantes do ato comunicativo”. O pressuposto pertence, portanto, ao “nós” da relação comunicativa.

Dessa maneira, analisando o enunciado “Pedro deixou de fumar”, teremos como posto (Pedro não fuma mais) e pressuposto (Pedro fumava antigamente), pressuposto este ativado pelo verbo *deixar/deixou*, apresentado, consoante classificação de Moura (2006, p. 20), como “[...] verbos que indicam mudança de estado”. Assim, ao “nós” da relação comunicativa pertence a informação de que “Pedro fumava antigamente”.

Destarte, ainda conforme Ducrot (1987, p. 77), “[...] pressupor não é dizer o que o ouvinte sabe ou se pensa que ele sabe ou deveria saber, mas situar o diálogo na hipótese de que ele já soubesse”. Dessa forma, a pressuposição ou o ato de pressupor apresenta-se como uma estratégia argumentativa para levar o interlocutor a admitir um determinado ponto de vista.

Com o intuito de explicar a lista de elementos e expressões que são responsáveis pela ativação dos pressupostos, Moura (2006, p. 17-22) lista as seguintes estruturas:

1) **Expressões definidas:** expressões que descrevem um ser determinado, específico. “[...] servem para fazer referência, assim como os nomes próprios”.

Exemplo: *O rei da França* é calvo.

Pressuposto: Existe um rei da França.

2) **Verbos factivos:** os verbos factivos se fazem presentes em orações subordinadas que representam o próprio pressuposto.

Exemplo: Pedro *soube* que ganhou o prêmio.

Pressuposto: Pedro ganhou o prêmio.

3) **Verbos implicativos:** são verbos que por sua própria natureza implicam em

uma ação apresentada pelo verbo apresentado no enunciado.

Exemplo: João *esqueceu* de fechar a porta.

Pressuposto: João deveria ou desejava fechar a porta.

4) Verbos que indicam mudança de estado

Exemplo: João *deixou* de fumar

Pressuposto: João fumava.

5) Iterativos: indicam que a ação apresentada pelo verbo ou expressão já aconteceu em um momento anterior.

Exemplo: O disco voador apareceu *de novo*.

Pressuposto: O disco voador já tinha aparecido antes.

6) Expressões temporais: são expressões que, presentes no enunciado, indicam pressupostos relativos ao tempo (temporalidade).

Exemplo: Maria desmaiou *depois* de encontrar João.

Pressuposto: Maria encontrou João.

7) Sentenças clivadas: são sentenças que têm a forma “Não foi X que Y (Y=oração).

Exemplo: *Não foi o João que* beijou a Maria.

Pressuposto: Alguém beijou a Maria.

Além dos elementos apresentados por Moura (2006), Espíndola (2010, p. 55), à lista desse autor, acrescenta outros três elementos. São eles:

8) Prefixo re-: presentes em alguns verbos como “reavaliar, reafirmar, renovar” etc.

Exemplo: João *reafirmou* sua inocência.

Pressuposto: João já afirmou sua inocência anteriormente.

9) Alguns conectores circunstanciais: conectores do tipo “desde que, antes que” etc.

Exemplo: João passará no vestibular *desde que* estude.

Pressuposto: João não estuda.

10) Alguns advérbios: são advérbios que deixam registrado um pressuposto, como: mais, também dentre outros, em alguns contextos.

Exemplo: Pedro *também* passou na prova.

Pressuposto: Alguém além de Pedro passou na prova.

É importante salientar que as informações explícitas dizem respeito a elementos linguísticos que se fazem presentes na própria estrutura da língua. Nesse caso, as informações pressupostas são ativadas por algum elemento linguístico-discursivo, como os citados anteriormente por Moura (2006) e Espíndola (2010). Já as informações implícitas, ou inferências, dizem respeito aos subentendidos, que estão no nível pragmático da língua.

BREVES PALAVRAS SOBRE A NOÇÃO DE LEITURA

A atividade de leitura como um processo de interação é uma prática defendida por muitos autores/estudiosos. Dentre os nomes que defendem uma percepção da leitura enquanto

processo de interação está Orlandi (1983, p. 173), quando afirma que a leitura “[...] é o momento da constituição do texto, é o momento privilegiado da interação, aquele em que os interlocutores se identificam como interlocutores e, ao se constituírem como tais, desencadeiam o processo de significação do texto”.

Soares (2001) sustenta que esse “momento privilegiado” e o lugar do leitor e sua relação com a sociedade são extremamente relevantes para a produção da significação do texto. Logo, as concepções de leitura e de língua que permearão a sala de aula são de extrema relevância para a realização de um ensino eficaz de leitura, pois serão elas que guiarão o caminho apropriado a ser seguido e, como propõe Batista (1991, 38), “[...] é de suma importância que o professor tenha em mente os processos e as tensões que marcam e marcaram o ato de ler”.

Por conseguinte, entende-se que, ainda segundo esse autor (1991), as relações entre autor, texto, leitor devem ser consideradas relevantes, quando da leitura de um texto bem como o contexto sociocultural dos momentos de produção do texto e da leitura.

No entanto, ao analisar a situação do ensino de língua, Sousa (2002, p. 138) detectou que o ensino ainda é realizado de forma tradicional. Assim, a autora assevera que:

Na aula de leitura, em geral, predomina, como objeto de ensino, um modelo de leitura que se caracteriza como um processo de “objetificação” do próprio texto o qual, por vezes, passa a ter um tratamento semelhante ao que se dá à frase isolada. Ou seja, a atividade de leitura passa a ter como objetivo não necessariamente a fixação de conteúdos gramaticais, mas, sobretudo, a fixação de uma técnica de leitura incansavelmente repetida. (Aspas da autora)

De acordo com Silveira (1998, p. 136), o ensino de língua “[...] é designado geral, pois é direcionado para um aluno ideal, abstrato, com o perfil de um indivíduo douto e elegante ao falar”. Essa prática, ainda conforme a autora, poderia ser “justificada” pela “[...] questão da clientela antes elitista e agora popular [...]” que passou a frequentar o espaço escolar a partir da democratização do ensino.

Conforme também essa autora (1998), parece que estamos longe de proporcionar aos alunos aquilo que propõem os documentos oficiais que regem a educação, uma vez que a prática da atividade de leitura ainda está muito centrada na existência de apenas um sentido para o texto ou, talvez, dois: o do livro e o do professor.

É com o intuito de discutir a importância de identificarmos no gênero charge os elementos que ativam informações pressupostas e subentendidas que buscamos apresentar, aqui, alguns elos entre as análises de tais elementos e algumas reflexões sobre o processo de leitura e a construção dos sentidos de um texto, nesse caso, a charge.

O GÊNERO DISCURSIVO/TEXTUAL CHARGE

De acordo com os postulados de Bakhtin (2000), os gêneros são construídos nas diversas esferas sociais da comunicação/atividade humana. Pensando dessa forma, é possível dizer que a charge, enquanto produto social que tem por objetivo uma determinada ação, é um produto que atende a diversas necessidades presentes em nosso cotidiano.

Ademais, é pertinente pontuar que perante os diversos acontecimentos que permeiam o nosso espaço no que tange à ordem social, política e histórica, a charge revela-se como uma forma utilizada para anunciar, por meio de uma atitude crítica e, ao mesmo tempo, sarcástica e, ainda, com certa dose de humor, as questões polêmicas que surgem, todos os dias, em toda e qualquer sociedade.

Consoante o posicionamento de Mouco (2007, p. 05), é pertinente dizer que a charge pode ser observada como uma:

[...] crítica humorística de um fato ou acontecimento específico. É a reprodução gráfica de uma notícia já conhecida do público, segundo a percepção do desenhista. Apresenta-se tanto através de imagens quanto combinando imagem e texto. A charge absorve a caricatura em seu ambiente ilustrativo.

Mais precisamente nesse caso, é preciso destacar que, dificilmente, uma charge será construída apenas com elementos linguísticos, tendo em vista que a possibilidade de construção dos sentidos possíveis para a leitura de uma charge é dada graças à junção dos elementos linguísticos e a relação com as imagens presentes no texto. Além desse fato, também não seria demasiado pontuar que as charges podem ser tomadas como pequenos textos, geralmente com tons humorísticos e críticos, com ênfase às situações políticas.

Assim, é possível depreendermos que, nesse caso, uma das premissas da charge seria a de causar o riso. Conforme salienta Minois (2003, p. 19), é possível conceituar o riso e o escárnio como “[...] o irônico, a individualidade genial, que consiste no auto-aniquilamento de tudo que é soberano, grande e nobre”. Ainda nas palavras desse autor (2003, p. 20), “[...] o riso esconde o seu mistério, às vezes, agressivo, sarcástico, angélico, tomando as formas da ironia, do humor, do burlesco e do grotesco”. Assim sendo, o riso pode ser compreendido como sendo multiforme e ambíguo, pois expressa tanto a alegria pura quanto o triunfo maldoso, o orgulho ou a simpatia.

No tocante à possível origem do termo ‘charge’, Silva (2004, p. 13) explica que:

[...] o termo charge é francês, vem de charger, carregar, exagerar e até mesmo atacar violentamente (uma carga de cavalaria). Este tipo de texto tem caráter temporal, pois trata do fato do dia. Dentro da terminologia do desenho de humor pode-se destacar,

além da charge, o cartum (satiriza um fato específico de conhecimento público de caráter atemporal), a tira, os quadrinhos e caricatura pessoal. [...]. Ela é o local escolhido pela ironia, metáfora (transferência), pelo contexto, pelo sujeito, para atuar. [...]. Portanto, ampla poderá ser a leitura interpretativa por nela se constatar a presença da linguagem, da história e da ideologia.

Portanto, a produção de uma charge está diretamente relacionada à necessidade que o produtor do texto, nesse caso, o chargista, tem em suscitar apreciações sobre um determinado tema, sobretudo, em relação ao sistema sociopolítico no qual tanto produtor quanto leitor estão inseridos. Logo, conforme Oliveira (2001, p. 265), textos como a charge “[...] ganham mais quando a sociedade enfrenta momentos de crise, pois é a partir de fatos e acontecimentos reais que o artista tece sua crítica num texto aparentemente desprezioso”.

Refletindo sobre os meios de veiculação, as charges podem ser publicadas nos mais variados suportes, desde os impressos, como revistas, livros didáticos e, comumente, nos jornais, como em sites da internet. Outra questão que deve ser considerada é a validade da charge, uma vez que se trata de um gênero “temporal”, ou seja, sua leitura será melhor apreendida se for realizada no período em que o fato nela apresentado esteja acontecendo, pois, do contrário, corre-se o risco de o texto não ser compreendido.

No entanto, tal característica não é fator negativo que desestimule o trabalho com a leitura da charge na sala de aula pelo professor, pois como bem assevera Mouco (2007, p. 06), “[...] a inclusão do texto chargístico possibilitará aos alunos uma leitura além das aparências evidentes nos textos e a percepção dos sentidos implícitos, através da análise minuciosa deste tipo de discurso”.

Assim, para que tal possibilidade de interação com a realidade seja dada ao aluno-leitor, é preciso, portanto, que o docente trabalhe com textos que sejam atuais, que retratem o momento em que o alunado vive e que, dessa forma, a leitura da charge possa fazer sentido para o aluno, sensibilizá-lo e fazê-lo refletir, de alguma forma, para as questões políticas e sociais que estão sendo apresentadas.

Além dessas questões aqui pontuadas, é necessário que o docente tenha ciência de que para que a leitura seja realizada, de fato, é preciso que conhecimentos outros sejam ativados pelo aluno e que esses conhecimentos dependerão, sem dúvida, da bagagem de leitura e experiências de vida que o aluno já tem. É nesse sentido que Oliveira (2001, p. 265) afirma que:

[...] os textos chargísticos constituem, por isso, uma vasta memória social, sem a qual não poderia haver História, que só se constitui pelo discurso. E ainda: o que merece destaque, porém, é a imprescindível relação do fato histórico com o texto chargístico, este, por recuperar aquele, torna-o memorável.

Portanto, considerando os pressupostos suscitados até o presente momento, acreditamos que é impossível pensar o gênero charge e sua leitura dissociados dos fatos históricos que envolvem a produção e a leitura de um texto bem como da memória que deve ser ativada, pelos leitores, de todo e qualquer texto, com o objetivo de construir e constituir sentidos para o texto que se tem em mãos.

METODOLOGIA, ANÁLISES E DISCUSSÕES

Os textos aqui analisados foram coletados durante o ano de 2016 em diversos sites da internet, conforme constam nos endereços publicados abaixo de cada charge. A análise tem caráter analítico-descritivo, considerando que nosso objetivo maior é o de propiciar uma reflexão acerca da identificação dos elementos ativadores de pressupostos no gênero em questão e no processo de leitura efetiva do texto. Assim, não nos limitamos à questão da quantidade de textos ou elementos identificados, mas à função que tais elementos têm na construção dos sentidos para o texto.

É preciso destacar ainda que, devido à limitação de espaço, apresentaremos, aqui, apenas cinco charges e suas respectivas análises/discussões. Partimos, assim, da leitura verbal e não-verbal dos textos, identificamos as palavras que ativam pressupostos e/ou subentendidos e realizamos, por fim, a análise propriamente dita. Ao final de nossas análises, no item considerações parciais, exporemos algumas reflexões no que diz respeito às análises e à leitura do gênero em questão, com o intuito de alinhar teoria à prática.

Texto 01:



Uma leitura atenta dos elementos linguísticos e extralinguísticos do texto, (charge) 01, permite-nos identificar o elemento “de novo”, no enunciado: “Se fizer isso *de novo* eu chamo seu pai”. Todo o texto, a partir de uma perspectiva visual, leva-nos a inferir que o objetivo maior do chargista é discutir a questão da redução da maioria penal. Essa conclusão é possível graças a todo o conjunto imagético do texto aliado à parte textual.

A partir da leitura do enunciado que contém o elemento ativador de pressuposição, é

possível dizer que o elemento “de novo” ativa o pressuposto de que “o garoto do primeiro quadro já havia feito algo errado anteriormente”. Além disso, na expressão “Calma!! É criança!!” é possível depreender o subentendido de que “crianças fazem coisas erradas e que não devem ser tratadas como adultas”. Logo, é possível dizer ainda que o chargista, por meio de uma crítica que pode provocar o riso no leitor, pretende mostrar o seu posicionamento contrário à redução da maioria penal.

Texto 02:



Com base na leitura dos elementos linguísticos e extralinguísticos do texto 02, pode-se afirmar que o produtor do texto tece uma crítica aos políticos que no período de eleição realizam suas promessas de campanhas eleitorais, mas que nunca as cumprem. Essa leitura é possível por intermédio da identificação de expressões como “quatro anos sem nenhuma infra-estrutura”, que é justamente o período em que duram os mandatos de alguns eleitos no Brasil e, além disso, por meio da identificação de elementos ativadores de pressupostos como “nunca mais”, no enunciado “*nunca mais* voto em você, Wilson!” A identificação precisa de elementos como “nunca mais” nos levam pressupor que em outro momento a personagem que agora reclama das condições em que se encontra já havia votado no candidato Wilson.

Texto 03:



A partir da leitura de todo o texto verbal que configura a estrutura da charge 03, e com base nos acontecimentos que foram veiculados durante o ano de 2016 sobre o ex-presidente Lula e o caso de ele possuir ou não um triplex dado de presente por uma empresa, o que nos

chama mais atenção no conteúdo da charge como um todo é a expressão “nova bomba sobre Lula”. Mais precisamente a expressão “nova bomba” que ativa o pressuposto de que “outras bombas já existiram”.

O subentendido que pode ser construído, com base nesse pressuposto, é o de que novidades são sempre apresentadas sobre o ex-presidente. Por outro lado, dando continuidade à leitura do segundo balão do texto, fala do apresentador, é possível perceber o tom humorístico dado à nova informação “o fato de que o apartamento tem chuveiro elétrico” como se tal informação tivesse relevância. Percebemos, de certa forma, que o chargista se releva contra as notícias apresentadas cotidianamente pela Rede Globo justamente a partir do momento em que faz piada com o nível das informações apresentadas pelo Jornal Nacional.

Texto 04:



Observando a charge de número 04, identificamos os elementos “agora” e “já” no enunciado “Pronto, filhinha! *Agora* você *já* pode ir para a escola...”. Dois elementos ativadores de pressupostos nos chamam a atenção no enunciado, além de toda a parte imagética que é utilizada para representar a situação da violência que circula as áreas próximas às escolas e o Brasil como um todo, no período em que a charge foi produzida e publicada. É possível observar que a menina está equipada com todo o aparato de segurança necessário para quem sai para a batalha, ou para a guerra: maleta de primeiros-socorros e colete à prova de bala. Quando a mãe diz: “agora você já pode ir...”, é possível pressupor que, considerando a violência à qual estamos inseridos cotidianamente, “anteriormente, a filha não poderia ir à escola”, apenas agora, com todo o equipamento necessário, é possível estudar.

O subentendido que circunda todo o texto da charge é o de que a violência atinge índices alarmantes e que até frequentar a escola está difícil no Brasil. Essa inferência é algo que pode ser construído, ou não, pelo leitor do texto. Pertence ao nível pragmático da leitura e pode ser ativada ou não, a depender do conhecimento de mundo e experiência de vida que leitor tiver.

Texto 05:



A leitura da charge de número 05 permite identificar o elemento “também” como ativador de pressuposto. Com base na leitura de todos os elementos (verbas e não verbais) que são utilizados para construir o texto, é possível dizer que os pressupostos ativados pela partícula “também”, presente no enunciado “Você acha mesmo que eu *também* tenho que caçar mosquito, João?”, imputada à Dilma, podem ser: “Outra pessoa, além de Dilma, tem que caçar mosquito”, “Dilma faz outra coisa além de caçar mosquito” e “Dilma e outra pessoa têm que caçar mosquito”. O subentendido que permeia o pressuposto apresentado pelo chargista é o de que Dilma não tinha opinião própria, mas, pelo contrário, fazia tudo que lhe era recomendado. Vemos, portanto, o posicionamento do chargista diante da situação política a qual o país estava vivendo em 2016.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Considerando a discussão aqui empreendida, é importante destacar que a utilização de elementos ativadores de pressupostos (que se encontram inscritos na própria estrutura da língua), pelo falante/produtor do texto, apresenta-se como uma estratégia argumentativa, que traz evidências das intenções do locutor na produção dos seus textos.

Vimos, com base nas breves análises, que a identificação de elementos que ativam pressuposição, na leitura do gênero charge, representa um recurso de extrema importância para a apreensão do/s sentido/s do texto, bem como para as possíveis intenções do locutor diante do seu interlocutor, visto que usamos a linguagem sempre de forma intencional.

Dessa forma, entendemos que um trabalho efetivo com a leitura deve propiciar ao aluno uma maior interação com o texto que está sendo lido, possibilitando-lhe não apenas uma mera decodificação de signos e a identificação de informações explícitas no corpo do texto, como uma espécie de “copiar-colar”, mas a percepção de toda a intencionalidade que está

implicitamente marcada no texto, por meio de elementos ativadores de pressuposição e as suas experiências de leitura e de mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald (1994). *La argumentación en la lengua*. Versión española de Julia Sevilha e Marta Tordesillas. Madrid: Editora Gredos.
- BATISTA, Antônio A. G. (1991). Sobre Leitura: Notas para a concepção de uma leitura de interesse pedagógico. In: *Em Aberto*, Brasília, ano 10, n-52, out/dez
- DUCROT, Oswald (1987). *O dizer e o dito*. Revisão Técnica da Tradução Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes.
- ESPÍNDOLA, L. C. (2010). Implícitos linguísticos e pragmáticos: pressupostos e subentendidos. IN: *LINGUAGENS: USOS E REFLEXÕES* vol. 6. ALDRIGUE, Ana C. de Sousa; LEITE, Jan Edson Rodrigues (Orgs). João Pessoa: Editora Universitária.
- MOUCO, Maria aparecida Tavares. *Leitura, análise e interpretação de charges com fundamentos na teoria semiótica*. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1104-4.pdf>. Acesso em 30/10/2015
- MOURA, H. M. (2006). *Significação e contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática*. Florianópolis: Editora Insular.
- MINOIS, G. *História do Riso e do Escárnio*. Editora da UNESP, 2003.
- OLIVEIRA, M.L.S. Charge: imagem e palavra numa leitura burlesca do mundo. In: AZEREDO, J. C. *Letras & Comunicação: uma parceria para o ensino de língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____, M.L.S. Charge: imagem e palavra numa leitura burlesca do mundo. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: mercado de Letras, 2004.
- ORLANDI, E. P. (1983). *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense.
- SILVA, Carla Letuza Moreira e. *O trabalho com charges na sala de aula*. Pelotas, RGS: UFRGS, 2004.
- SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. Leitura: produção interacional de conhecimentos. In: BASTOS, Neusa Maria Barbosa. (Org.) (1998). *Língua Portuguesa - História, Perspectivas, Ensino*. São Paulo: Cortez, p. 135-152.
- SOARES, Magda Becker. As condições sociais de leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZIBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da (2001). *Leitura: Perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, p. 18-29.
- SOUSA, Maria Ester Vieira de (2002). *As surpresas do previsível no discurso de sala de aula*. João Pessoa: Editora Universitária.